

## I

Estava um dia de Abril frio e cristalino e os relógios batiam as treze horas. Winston Smith, de queixo colado ao peito para tentar fugir ao vento impiedoso, esgueirou-se rapidamente pelas portas de vidro de Victory Mansions, embora não rápido o suficiente para impedir que um remoinho de poeira entrasse com ele.

O átrio cheirava a couve cozida e a tapetes de trapos. Na parede ao fundo estava pregado um cartaz a cores, demasiado grande para um espaço interior. Mostrava unicamente uma cara gigantesca, com mais de um metro de largura: a cara dum homem de cerca de quarenta e cinco anos, com um farto bigode preto e traços bonitos mas severos. Winston dirigiu-se para as escadas. Era inútil experimentar o elevador. Mesmo nos melhores tempos, raramente funcionava, e actualmente, por causa do esforço preparatório para a Semana do Ódio, a electricidade estava cortada durante o dia. O apartamento ficava no sétimo andar, e Winston, que tinha trinta e nove anos e uma úlcera varicosa acima do tornozelo direito, subiu lentamente, parando várias vezes pelo caminho. Em cada patamar, em frente à caixa do elevador, o cartaz com a cara gigantesca olhava da parede. Era um daqueles retratos concebidos de maneira que os olhos nos sigam quando nos deslocamos. O GRANDE IRMÃO VÊ TUDO, dizia a legenda por baixo.

Dentro do apartamento, uma voz bem timbrada lia uma série de números relacionados com a produção de ferro-gusa. A voz saía duma placa de metal rectangular, semelhante a um espelho baço, embutida na parede da direita. Winston rodou um interruptor e o volume da voz baixou ligeiramente, embora as palavras continuas-

sem perceptíveis. O som do dispositivo (chamado telecrã) podia ser atenuado, mas não havia forma de o desligar completamente. Winston aproximou-se da janela: uma figura miúda e frágil, cuja magreza o uniforme do Partido, um fato-macaco azul, apenas contribuía para acentuar. Tinha o cabelo dum loiro muito claro, uma tez naturalmente sanguínea e a pele áspera do sabão, das lâminas de barbear embotadas e do frio do Inverno que terminara havia pouco.

Lá fora, mesmo através da janela fechada, o mundo parecia frio. O vento levantava na rua espirais de pó e de jornais rasgados, e embora o Sol brilhasse e o céu fosse dum azul implacável, tudo parecia desprovido de cor excepto os cartazes que estavam colados por toda a parte. A cara do homem de bigode preto olhava do alto de cada esquina. Havia um na fachada do edifício à sua frente. O GRANDE IRMÃO VÊ TUDO, dizia a legenda, enquanto os olhos escuros perscrutavam os de Winston. Mais abaixo, ao nível da rua, um outro cartaz, rasgado num dos cantos, ondulava caprichosamente ao vento, tapando e destapando a palavra SOCING. Muito ao longe, um helicóptero descia por entre os telhados, pairou por instantes como uma varejeira azul e tornou a afastar-se, descrevendo uma curva. Era a patrulha da polícia a espreitar pelas janelas das pessoas. As patrulhas, porém, não tinham importância. A única coisa que importava era a Polícia do Pensamento.

Nas costas de Winston, a voz do telecrã continuava a palrar a respeito do ferro-gusa e da superação dos objectivos do Nono Plano Trienal. O telecrã recebia e transmitia simultaneamente. Qualquer ruído que Winston fizesse, acima do nível de um leve sussurro, seria captado pelo dispositivo; além disso, enquanto permanecesse dentro do campo de visão da placa de metal, podia também ser visto. É claro que ninguém tinha forma de saber se estava a ser vigiado em dado momento. Quão frequentemente, ou através de que sistema, a Polícia do Pensamento accionava a vigilância sobre um determinado indivíduo só podia ser objecto de conjecturas. Era até concebível que eles vigiassem toda a gente a tempo inteiro. Em todo o caso, podiam conectar qualquer linha individual sempre que quisessem. As pessoas tinham de viver — e viviam, por um hábito tornado instinto — no pressuposto de que todos os seus ruídos eram escutados e, excepto às escuras, todos os seus movimentos eram escrutinados.

Winston manteve-se de costas para o telecrã. Era mais seguro; embora até umas costas pudessem ser reveladoras, como ele sabia perfeitamente. A um quilómetro dali, o Ministério da Verdade, onde trabalhava, erguia-se branco e enorme sobre a paisagem negra de fuligem. Isto é Londres, pensou ele com uma vaga repugnância, a principal cidade da Pista Um, que por sua vez era a terceira província mais populosa da Oceânia. Tentou espremer da memória alguma recordação de infância que lhe dissesse se Londres sempre fora assim. Teriam existido sempre aqueles panoramas de casas oitocentistas decrépitas, escoradas dos lados por vigas de madeira, com vidraças remendadas a cartão, telhados de chapa ondulada e muros de jardins a esboroarem-se em todas as direcções? E as zonas bombardeadas, onde a calíça rodopiava no ar e a salgueirinha se espalhava por sobre pilhas de escombros; ou os locais onde as bombas tinham aberto clareiras maiores e haviam nascido sórdidas colónias de baracas de madeira que pareciam galinheiros? Mas era inútil, não se lembrava de nada: da sua infância, tudo o que retinha era uma série de cenas fortemente iluminadas, isoladas de qualquer contexto e quase sempre ininteligíveis.

O Ministério da Verdade — ou Minivero, em novilíngua\* — era assombrosamente diferente de qualquer outro edifício à vista. Era uma gigantesca estrutura piramidal, de betão branco e resplandecente, que subia, terraço a terraço, a uma altura de trezentos metros. Do ponto onde Winston se encontrava ainda era possível ler, escavadas na sua superfície branca, em letras elegantes, os três lemas do Partido:

GUERRA É PAZ  
LIBERDADE É ESCRAVIDÃO  
IGNORÂNCIA É FORÇA

O Ministério da Verdade continha, dizia-se, três mil salas acima do nível do solo, e outras tantas ramificações abaixo. Espalhados por Londres, havia apenas três outros edifícios de escala e aparência semelhantes. Destacavam-se de tal forma das construções à sua vol-

\* A novilíngua era a língua oficial da Oceânia. Para uma descrição da sua estrutura e etimologia, veja-se o Apêndice. (N. A.)

ta que da cobertura de Victory Mansions podiam avistar-se os quatro simultaneamente. Eram as sedes dos quatro Ministérios nos quais estava dividido todo o aparelho governativo. O Ministério da Verdade, que se ocupava das notícias, dos espectáculos, da educação e das belas-artes. O Ministério da Paz, que se ocupava da guerra. O Ministério do Amor, que mantinha a lei e a ordem. E o Ministério da Fartura, responsável pelos assuntos económicos. Os seus nomes, em novilíngua: Minivero, Minipaz, Minimor e Minifarto.

Dos quatro, o Ministério do Amor era o que tinha um aspecto verdadeiramente intimidante. Não possuía qualquer janela. Winston nunca lá entrara, nunca estivera sequer a menos de quinhentos metros do edifício. Era um local a que ninguém podia aceder excepto em serviço oficial, e mesmo assim só depois de passar por um labirinto de arame farpado, portas de aço e ninhos de metralhadoras. As próprias ruas que conduziam às barreiras externas do edifício eram patrulhadas por guardas com caras de gorila e uniformes pretos, armados com cassetetes articulados.

Winston virou-se abruptamente. Tinha adoptado a expressão de tranquilo optimismo que era aconselhável mostrar de frente para o telecrã. Atravessou a sala e entrou na minúscula cozinha. Ao sair do Ministério àquela hora do dia, sacrificara o almoço na cantina, e sabia que a única comida que havia na cozinha era o naco de pão escuro que teria de reservar para o pequeno-almoço do dia seguinte. Tirou da prateleira uma garrafa de líquido incolor, em cujo rótulo branco e simples se lia GIM VICTORY. Tinha um cheiro enjoativo, oleoso, parecido com o da aguardente de arroz chinesa. Winston encheu quase uma chávena inteira, preparou-se para o choque e emborcou-o dum só gole, como se fosse um medicamento.

O seu rosto pôs-se imediatamente escarlate e vieram-lhe as lágrimas aos olhos. Aquilo parecia ácido nítrico, e ao engoli-lo tinha-se a sensação de ter levado uma pancada na nuca com um cacete de borracha. Logo a seguir, porém, o ardor no seu estômago foi-se atenuando, e o mundo começou a parecer-lhe mais alegre. Tirou um cigarro dum maço amarrotado onde se lia CIGARROS VICTORY, e como por descuido o segurou na vertical, o tabaco deslizou para o chão. Teve mais sucesso com o seguinte. Voltou para a sala de estar e sentou-se a uma pequena mesa à esquerda do telecrã. Da gaveta da mesa sacou

um tinteiro, um frasco de tinta e um grosso caderno de formato in-quarto, de lombada vermelha e capa marmoreada.

Por qualquer razão que ignorava, o telecrã da sua sala de estar fora fixado numa posição inusual. Em vez de estar, como era costume, na parede do fundo, donde poderia dominar toda a sala, havia sido posto na parede mais comprida, em frente à janela. A um dos lados do telecrã havia uma pequena reentrância na parede, na qual Winston estava agora sentado, e que provavelmente tinha sido destinada, aquando da construção do prédio, a albergar uma estante para livros. Se se sentasse nessa reentrância e tivesse o cuidado de se manter bem encostado à parede, Winston conseguia ficar fora do alcance do telecrã, pelo menos no que dizia respeito à visão. Podia ser escutado, claro, mas, enquanto permanecesse naquela posição, não podia ser visto. Fora em parte a insólita geografia do quarto o que lhe sugerira aquilo que estava prestes a fazer.

Mas a sugestão também viera do próprio caderno que acabara de tirar da gaveta. Era um caderno particularmente bonito. O seu papel liso e macio, um pouco amarelecido pelo tempo, era dum tipo que já não se fabricava havia mais de quarenta anos, pelo menos. Mas Winston calculava que fosse muito mais antigo do que isso. Vira-o na montra duma bafienta lojinha de velharias, num bairro miserável da cidade (em que bairro exactamente, já não se lembrava) e sentira de imediato o irresistível impulso de o comprar. Os membros do Partido não deviam entrar em lojas comuns (“negociar no mercado livre”, como se dizia), mas esta regra não era estritamente controlada, porque havia vários artigos, como atacadores e lâminas de barbear, que era impossível obter de outro modo. Depois de um olhar rápido para ambos os lados da rua, Winston entrara na loja e comprara o caderno por dois dólares e meio. Não o fez, na altura, tendo em mente um propósito específico. Com um sentimento de culpa, levava-o para casa dentro da sua pasta. Mesmo não tendo nada escrito, o caderno era um objecto comprometedor.

Aquilo que se preparava para fazer era escrever um diário. Isto não era ilegal (nada era ilegal, uma vez que já não existiam quaisquer leis), mas, se fosse detectado, era quase certo que resultaria numa condenação à morte, ou pelo menos em vinte e cinco anos num campo de trabalhos forçados. Winston encaixou um aparo na caneta e